

**REFLEXÕES
TEÓRICAS**

*THEORETICAL
REFLECTIONS*

A casa, a família e o lazer nas áreas urbanas.

The home, the family and leisure in urban areas

Eliane Guerreiro Rossetti Padovani*
E-mail: eliane.padovani@am.unisal.br

Resumo

A casa e a família são elementos muito importantes para que entendamos as modificações ocorridas nas formas de se ter lazer, que sem dúvida estão ligadas às mudanças relacionadas à divisão do trabalho e ao sistema de produção. Assim percebemos, cada vez mais, a individualização dos espaços e a falta de convivência familiar, impulsionando a criação de relações superficiais quanto ao espaço, gerando o que conhecemos como não-lugares e quanto às relações de convivência, as quais não temos ainda a exata dimensão do que podem ocasionar. O que sem dúvida podemos afirmar é que essas novas relações introduziram, mais uma forma de manter o indivíduo produtivo para o sistema capitalista.

Palavras Chaves: Casa, família, lazer, tempo e espaço.

Abstract

The home and the family are very important elements for understanding the changes that have taken place in forms of leisure and which are, without doubt, linked to changes in the division of labor and the system of production. We are increasingly observing an individualization of spaces and a lack of family intimacy, leading to the creation of superficial relations in terms of space, generating what we know as non-places, and in terms of family relationships, the result of which we do not yet know the full extent. What we can state categorically, however, is that these new relationships have introduced yet another way of keeping individuals productive for the capitalist system.

Key Words: House, family, leisure, time and space.

*Coordenadora do curso de Turismo - UNISAL, Rua Dom Bosco, nº 100, Jd Santa Catarina, CEP 13466440. Fone: (019) 34521903/97896578.

*Coordinator of the Tourism Program - INISAL, Rua Dom Bosco, nº 100, Jd Santa Catarina, CEP 13466440. Phone: (019) 34521903/97896578.

INTRODUÇÃO

O lazer tem sido estudado com rigor científico nos últimos tempos e tem se mostrado como um elemento extremamente importante para analisarmos as transformações da sociedade, que atingem um ritmo intenso atreladas às mudanças nas relações sociais de produção que capturam o tempo e o espaço, transformando-os em mercadorias raras, por sinal.

O lazer, entendido como momento de encontro entre pessoas, é capturado e toda a sua espontaneidade é normatizada. É a partir de então que o espaço doméstico, enquanto símbolo de lazer espontâneo, é modificado para dar lugar ao lazer normatizado.

As mudanças na estrutura familiar e nas casas, principalmente das classes média e média alta, interferem diretamente na forma de se ter lazer. As famílias procuram, a partir do momento em que a casa deixa de ser também o espaço de trabalho, estruturá-la de forma a ampliar o conforto de seus membros, sobre os ditames do aumento de privacidade para cada um deles, são inegáveis os benefícios dessa nova realidade, mas, sem dúvida, ela conduz a uma nova perspectiva, que propicia a desvinculação dos contatos mais constantes, que existiam anteriormente, ou seja, obrigatoriamente todos os familiares faziam as refeições em um mesmo espaço, num mesmo horário, muitas vezes, compartilhavam o mesmo quarto e as crianças brincavam com seus vizinhos em seu quintal.

Criam-se novas relações, novas conceituações de convivência, que priorizam acima de tudo a individualidade, os contatos esporádicos privados de regras que na maior parte das vezes não foram criadas pelos membros do grupo familiar, mas introduzidas por interesses que tornaram os momentos de lazer, momentos em que, de uma forma ou outra, os indivíduos se mantêm produtivos, alienados de toda forma de questionamento, que só as relações de pertencimento nos espaços vividos podem proporcionar. Portanto, o que verificamos no espaço doméstico é repassado para os espaços públicos que, justamente por serem públicos, são abandonados, tendo em vista que estão na contramão do que é valorizado por nossa sociedade, a individualidade, o contato com pessoas do mesmo grupo social, as relações sem profundidade.

A desestruturação das relações de convivência, a exacerbção do individualismo e a falta de espaços públicos que propiciem o contato entre grupos heterogêneos atingem principalmente as crianças, que têm modificado os seus primeiros momentos de formação, os quais seguem modelos prontos, privados da espontaneidade e de atuação criativa, como a que acontecia na elaboração das brincadeiras diretamente relacionadas à ludicidade descomprometida com padrões impostos.

A infância é um momento único para se firmar relações de proximidade e o espaço é condição para isso, portanto, ao desestruturá-lo enquanto espaço da vida, podemos estar formando o que SLOTERDIJK chama de indivíduo sem retorno, ou seja, aquele que não consegue regressar às suas origens, visto que elas simplesmente não existem, foram absorvidas pelo modo de produção capitalista que destrói, mais do que pode regenerar. E se esse processo acontece desde a infância, provavelmente os indivíduos gerados nestas estruturas não se darão conta de que vivem em uma sociedade sem vínculos, seus espaços referenciais serão os não-lugares (1), dificultando

INTRODUCTION

Leisure has been a subject of much study in recent years, and has proven to be an extremely important element for analyzing the transformations in society, which have reached an intense pace, together with changes in the social relations of production which capture time and space, transforming them into goods, and rare ones at that.

Leisure seen as a moment of encounter between people is captured, and all its spontaneity is standardized. It is from here that domestic space, as a symbol of spontaneous leisure, is modified and gives way to standardized leisure.

The changes in family structure and houses, particularly among the middle and upper middle classes, are directly influencing the forms of leisure practiced. From the moment the home ceases to be the work space, families seek to structure it in such a way so as to increase the comfort of its members, based on the dictates of rules of increased privacy for each member. The benefits of this new reality are undeniable, but it undoubtedly brings a new perspective, which leads to a breaking up of the more continual contact that previously existed, i.e. all the members of the family were forced to take their meals in the same place, at the same time. They often shared the same room, and the children played with their neighbors' children in the back yard.

New relations are created, new concepts of co-habitation, which give priority above all to individuality, and sporadic contacts with built-in rules which, in the majority of cases, were not created by the members of the family unit, but introduced by interests which turn them into times of leisure, moments in which in one way or another, the individuals keep themselves productive, alienated from all forms of questioning, which only relationships of belonging in the spaces experienced can provide. Therefore, what we see in the domestic space is passed on to the public spaces which, owing to their very nature as public, are abandoned, since they go against what is valued by our society; individuality, contact with people from the same social group, and relationships which lack depth.

The de-structuring of relationships of co-habitation, the exacerbation of individualism and the lack of public spaces providing contact between heterogeneous groups, affect mainly children, whose early formative years are modified, following ready-made models, deprived of spontaneity and creativity, as occurred with the creation of toys directly related to uncommitted play, without imposed standards.

Childhood is a unique time for forming close bonds and the space is a condition for this. Therefore, by de-structuring it as a living space, we may be forming what SLOTERDIJK called an individual with no return, i.e. an individual who is unable to go back to his origins, since they simply no longer exist; they have been absorbed by the capitalist mode of production which destroys more than it can regenerate. And if this process begins in infancy, then the individuals produced in these structures will probably not realize that they are living in a society without ties; their referential spaces will be non-places (1), making any

qualquer movimento contrário. E esse processo que pretendemos enfatizar neste artigo.

AS TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO VIVIDO E O LAZER

O primeiro local sagrado foi a casa, já que não servia apenas de abrigo, mas era ainda um local que incorporava simbolismos cósmicos em sua construção. Os índios navajos, por exemplo, diziam que suas moradias - as tendas - seguiam um modelo divino. A forma cônica lembrava uma montanha no Novo México que os navajos chamavam de coração da Terra. Eles acreditavam que Deus tinha criado a primeira tenda usando estacas feitas com conchas brancas, pedra turquesa, moluscos e pedras escuras. Quando construíam uma nova tenda, os navajos enterravam esses quatro minerais sob as quatro estacas principais, que também correspondiam aos quatro pontos cardeais. Dessa forma, o construtor da tenda interrompia a continuidade do mundo cotidiano e criava um espaço mágico à parte¹.

O espaço privado onde a reprodução das relações de produção se processa com mais intensidade é na casa, com a família. Portanto, é importante analisarmos esse espaço para entendermos a importância dada ao lazer em sua produção e como o que acontece nesse âmbito interfere no espaço do lazer.

As mudanças nos espaços de lazer dentro das casas são, em um primeiro momento, estruturadas para atender às mudanças que acontecem na família e na divisão do trabalho. Como diz PROST e VICENT (1992:61-113) a família com o passar do tempo perde sua função pública, assegurando apenas as funções privadas. Porém, como os autores evidenciam, essa análise poderia se tornar insuficiente diante de tantas mudanças que ocorrem dentro da instituição família.

Ao perder suas funções públicas, a família começa a se transformar e tais alterações são perceptíveis nas mudanças que ocorrem nos espaços domésticos. Evidentemente, esse processo está muito relacionado à divisão social do trabalho.

[...] desde a Idade Média: muitas pessoas não mais viviam e trabalhavam no mesmo local. Apesar da maioria dos donos de loja, mercadores e artesãos ainda morarem na “sobreloja”, havia mais burgueses – construtores, advogados, notários, funcionários públicos – para quem a casa era somente residência. A consequência desta separação foi que - com relação ao mundo exterior - a casa estava se tornando um lugar mais privado. Junto com esta privatização da casa surgiu um maior senso de intimidade, que identificava a casa exclusivamente com a vida familiar. (RYBCZYNSKI, 1999:51)

As mudanças relacionadas ao trabalho causaram algumas mudanças no espaço doméstico, contudo não deram

movement to the contrary difficult. It is on this process that we intend to focus in this article.

TRANSFORMATIONS IN THE SPACE EXPERIENCED AND LEISURE

The first sacred place was the home, since it served not only as a shelter, but was also a place which included cosmic symbolisms in its construction. The Navajo Indians, for example, said that their homes – the tents – followed a divine model. The conical form was reminiscent of a mountain in New Mexico which the Navajos called the heart of the Earth. They believed that God created the first tent using stakes made from white shells, turquoise stone, mollusks and dark stones. Whenever they built a new tent, the Navajos buried these four minerals under the four main stakes, which also corresponded to the four cardinal points. By doing so, the tent builder was interrupting the continuity of the daily world and creating a separate, magical space¹.

The private space, where the reproduction of relations of production takes place more intensely, is in the home, with the family. It is therefore necessary to analyze this space in order to understand the importance given to leisure in its production and the way in which this area affects the leisure space.

The changes in leisure spaces inside homes are, first and foremost, structured to meet the changes taking place in the family and the division of labor. As PROST and VICENT (1992:61-113) state, the family has, over time, lost its public role, retaining only its private functions. However, as the authors demonstrate, this analysis may be inadequate in view of the many changes taking place within the family institution.

By losing its public role, the family begins to transform itself and these alterations can be seen in the changes occurring in the domestic spaces. Clearly then, this process is closely related to the social division of labor.

[...] since the Middle Ages, many people have no longer lived and worked in the same place. Despite the fact that the majority of store owners, merchants and craftsmen still lived “over the shop”, there were more members of the bourgeois classes - builders, lawyers, public notaries, civil servants – for whom the home was merely a place of residence. The result of this separation was that – in relation to the outside world – the home was becoming a more private place. Together with this privatization of the home emerged a greater sense of intimacy, in which the home became identified exclusively with family life. (RYBCZYNSKI, 1999:51)

The changes in work brought changes in the domestic space, however they did not give more

¹ RYBCZYNSKI, W. *Esperando o Final de Semana*, p. 95.

mais privacidade às pessoas, que obrigatoriamente compartilhavam todos os momentos de sua intimidade com os demais membros da família.

No caso dos países subdesenvolvidos essas mudanças atingiram mais a classe média, sendo que a população mais pobre permanece, ainda, com algumas alterações nos equipamentos disponíveis, a desfrutar de espaços familiares bem semelhantes aos que existiam na Europa durante a Revolução Industrial.

Os pobres moravam muito mal. Não tinham água ou saneamento, praticamente não tinham móveis ou objetos pessoais, e essa situação, pelo menos na Europa, durou até o século XX. Nas cidades, suas casas eram tão pequenas que a vida familiar ficava comprometida; estes casebres mínimos de um só cômodo eram pouco mais que abrigos para dormir. Só havia espaço para as crianças pequenas- as mais velhas eram separadas dos seus pais e iam trabalhar como aprendizes ou criados. A consequência destas privações, segundo alguns historiadores, é que conceitos como “lar” ou “família” não existiam para estas almas sofridas. Falar de conforto e desconforto nestas circunstâncias é um absurdo, tratava-se de mera sobrevivência. (RYBCZYNSKI, 1999:37).

Assim, podemos, sem esforço, concluir que as casas onde os espaços destinados à vida privada são inexistentes são encaradas como um “convite” ao convívio nas ruas. Apesar de mudanças consideráveis, em alguns sentidos, os mais pobres continuam a ter poucos espaços destinados ao lazer. Muitas vezes é no pequeno quintal que as crianças têm seu espaço para brincadeira, quando não na rua, enquanto para os adultos a TV e o aparelho de som resumem os momentos de entretenimento. Ao mesmo tempo, esses aspectos motivam o contato entre a vizinhança através das visitas, que aproximam e estreitam as relações pessoais; esse contato solidário produz a organização social dessas áreas.

Para a classe média e média alta as mudanças são mais significativas, pois surgem os espaços privados dentro dos espaços familiares, que por sua vez são a maior expressão de privacidade que existe. Aos poucos, a gama de opções de lazer solitário vai se ampliando no universo doméstico, favorecendo o individualismo.

As casas das classes mais abastadas passam por um processo, se assim podemos chamá-lo, de tematização, ou melhor, os diversos espaços se funcionalizam de tal forma, especializando-se em determinadas tarefas e prazeres domésticos específicos, exigindo para isso todo um aparato mobiliário que confere peculiaridade a cada ambiente. As casas burguesas na Inglaterra do século XIX já retratavam o processo de diferenciação das casas pobres.

A casa era um lugar social, mas com uma rigorosa privacidade. Ela não era a “casa grande” medieval, onde as pessoas entravam e saíam com naturalidade. Bem ao contrário, a casa burguesa inglesa era um mundo isolado

privacy to people, who were obliged to share all their intimate moments with the other members of the family.

In the case of developing countries, these changes had a greater effect on the middle class, with the poorer population remaining, despite some changes in the equipment available, in family spaces that are very similar to those which existed in Europe during the Industrial Revolution.

The poor lived very badly. They had no water or sanitation, practically no furniture or personal objects, and this situation, at least in Europe, lasted until the 20th Century. In the cities, their houses were so small that family life was compromised; these one-room hovels were little more than shelters in which to sleep. There was only space for the smaller children – the older ones were separated from their parents and went to work as apprentices or servants. The result of these privations, according to some historians, is that concepts such as “home” and “family” did not exist for these suffering souls. To speak of comfort or lack of comfort in these circumstances is absurd, it was a question of mere survival. (RYBCZYNSKI, 1999:37).

It can be concluded, therefore, with very little effort, that the houses in which spaces designed for the private life do not exist, are seen as an “invitation” to live in the streets. Despite the considerable changes, in some senses, the poorest continue to have few spaces designed for leisure. Often, the children’s play area is the small back yard, when they are not in the streets, while the sole sources of entertainment for the adults are the TV and stereo. At the same time, these aspects promote contact with the neighborhood, through visits, which brings people closer together; this mutual contact produces the social organization of these areas.

For the middle and upper middle classes, the changes are more significant, since private spaces are emerging within the family spaces, becoming the greatest expression of privacy that exists. Little by little, the range of solitary leisure pursuits has been growing in the domestic world, favoring individualism.

Better supplied middle class homes are passing through a process, if we can call it that, of thematization, or rather, this is how the various spaces function, specializing in specific tasks and specific domestic pleasures, and requiring for all this a property structure which confers specific characteristics on each environment. The bourgeoisie houses of 19th Century England already portrayed this process of differentiation from the homes of the poor.

The home was a social place, but with rigorous privacy. It was not the mansion of medieval times, where people entered and left with a natural ease. Quite the contrary, the English bourgeois house was an isolated

onde só se permitia a entrada de visitas bem seletas; o mundo era mantido à distância, e incomodava-se o menos possível a privacidade da família e do indivíduo. Havia os “dias de ficar em casa” e as “visitas matinais” (que ocorriam à tarde). A etiqueta doméstica baseava-se, acima de tudo, na reserva; vizinhos de porta trocavam recados por escrito – que eram entregues por um criado – para evitar uma visita desavisada. (RYBCZYNSKI, 1999:117).

O contato institucionalizado entre a vizinhança e os amigos, regra entre as famílias burguesas, não se alterou consideravelmente em nossos tempos. As famílias mais ricas, moradoras dos condomínios horizontais e verticais, permanecem restringindo os momentos de contato entre os membros da família e os “estranhos”.

Para alguns arquitetos como Le Corbusier (apud DUMAZEDIER, 1976:124), o planejamento das casas poderia minimizar ou até suprimir a necessidade das pessoas saírem em busca de outros tipos de lazer, mas a qualificação das casas para o lazer não acompanha o mesmo ritmo do lançamento das novidades colocadas no mercado, o que implica na necessidade de estar em espaços aonde essas novidades, graças à disponibilidade econômica dos grandes grupos de entretenimento, chegam primeiro. Isso não minimiza, no entanto, a grande participação das casas, principalmente dos mais ricos, em seus momentos de lazer. Como verificamos, o lazer doméstico é o mais individualizado (SLOTEDIJK, 1999:86) possível, sendo, então, em outros espaços, que as famílias simulam a convivência.

Quando falamos de espaços domésticos, devemos também enfatizar que eles foram, durante muito tempo, o único lugar reservado ao lazer das mulheres, impossibilitadas de freqüentar lugares públicos, destinados quase que exclusivamente aos homens. Estes tinham o direito de descansar depois da jornada de trabalho, enquanto que a mulher deveria procurar seus momentos de satisfação apenas nos espaços intra-muros.

A presença de prostitutas no parque serve para lembrar uma época anterior, quando as únicas mulheres a freqüentar as casas de dança e outros lugares de lazer público como as tavernas, parque de diversão, cassinos e até salões de música eram consideradas – e geralmente eram mesmo – prostitutas. O lugar correto para mulheres direitas era dentro de casa – a diversão pública era território exclusivo dos homens. (RYBCZYNSKI, 2000: 95).

Mesmo dentro de casa, muitas vezes a mulher não compartilhava dos momentos de lazer dos homens, que podiam ficar na sala conversando e se divertindo, enquanto que a mulher deveria se restringir à cozinha ou ao quarto (RYBCZYNSKI, 2000: 126).

No Brasil, em um levantamento feito em 1971 (REQUIXA, 1997:59) constatou-se a grande produção de revistas: 37% das revistas tratavam de assuntos, supostamente, de interesse feminino, funcionando como compensação às restrições impostas às mulheres ao

world to which only well-chosen visitors were allowed to enter; the world was kept at bay, and disturbed as little as possible the privacy of the family and the individual. There were “days for staying at home” and “evening visits”. Domestic etiquette was based, above all, on reserve; next door neighbors exchanged messages in writing – which were delivered by a servant, in order to avoid unannounced visits (RYBCZYNSKI, 1999:117).

This institutionalized contact with neighbors and friends, a rule among bourgeois families, has not altered greatly today. Better off families, inhabitants of horizontal and vertical condominiums, continue to restrict their contact between the members of the family and “outsiders”.

For some architects, such as Le Corbusier (apud DUMAZEDIER, 1976:124), the planning of houses could minimize or even obviate the need for people to leave in search of other types of leisure, but the adaptation of houses for leisure has not kept pace with the rate at which new products are appearing on the market, which means there is a need to remain in the spaces in which these new products, thanks to the economic availability of large entertainment groups, first appear. This does not, however, diminish the major role of the home, particularly that of the rich, in their moments of leisure. As we have seen, domestic leisure is as individualized (SLOTEDIJK, 1999:86) as possible, with families merely simulating cohabitation in other spaces.

When we speak of domestic spaces, we should also stress that these were, for a long time, the only places reserved for the leisure of women, prohibited from entering public places, which were exclusively for men. Men had the right to rest after the working day, while the women had to seek their moments of satisfaction within the four walls of the home.

The presence of prostitutes in the park serves as a reminder of days gone by, when the only women to visit dance halls and other places of public leisure such as taverns, funfairs, casinos and even music halls were considered – and generally were – prostitutes. The correct place of leisure for decent women was inside the home – public entertainment was the exclusive territory of men. (RYBCZYNSKI, 2000:95).

Even within the home, women often did not share leisure times with the men, who could remain in the drawing room conversing and having fun, while the women were restricted to the kitchen or the bedroom (RYBCZYNSKI, 2000:126).

In a study carried out 1971 in Brazil (REQUIXA, 1997:59), a large production of magazines was noted: 37% of the magazines dealt with subjects of supposed female interest, acting as compensation for the restrictions imposed on women

acesso a outro tipo de lazer. Entretanto, mesmo depois do ingresso da mulher no mercado de trabalho, o acúmulo das obrigações domésticas, maternas e agora profissionais, continuou impossibilitando para elas a disponibilidade de horários dedicados ao lazer.

À medida que, no transcurso do século XX, as mulheres ingressavam maciçamente na atividade capitalista lucrativa, esta evolução não eliminou a desigualdade de gêneros mas, pelo contrário, acentuou-a. Longe de levar a uma divisão uniforme das obrigações, a atividade lucrativa da mulher dentro do espaço funcional capitalista significou, para a maioria das mulheres, um duplo encargo: a exemplo do homem, as mulheres agora precisavam ganhar dinheiro, além de, ao mesmo tempo, terem de se encarregar do espaço ou da esfera pessoal do lar. Assim, afora as mulheres pertencentes às classes altas e algumas profissionais, a participação da mulher no lazer capitalista tem permanecido extremamente modesta. (KURZ, 2000:42).

A mudança no papel da mulher representou ainda outras mudanças significativas, pois ao sair de casa restava menos tempo para as atividades domésticas, como já foi ressaltado, e portanto seu papel de transmissão da cultura local, de determinadas brincadeiras aos filhos, fica restrito, mesmo porque os homens não assumem esse papel.

Assim, as crianças têm suas primeiras relações com o espaço alteradas, visto que suas primeiras experiências, que eram intermediadas pela família em espaços públicos em comunidades heterogêneas, passam a ser relações lúdicas que se estabelecem, a princípio, em espaços e com grupos homogêneos, muitas vezes com relações e regras prontas e estabelecidas, que devem ser seguidas. Este é um fator cultural considerável para o futuro, visto que as relações de significado, de imaginário, de uso e de pertencimento são modificadas. Quando observamos as crianças e adolescentes nos *Shopping Centers* procurando seus espaços de lazer, expressando sua predileção por brinquedos eletrônicos, que implicam em outras relações completamente diferentes das estabelecidas a partir das brincadeiras que eram pensadas, planejadas e executadas por um grupo de amigos e vizinhos, enfim, as relações da infância que tinham como espaço de convívio o espaço vivido, percebemos as transformações em suas atuais decorrências.

As crianças, antes dessas mudanças, tinham seu ritmo de vida ditado e integrado totalmente aos adultos da família (RONCAYOLO, 1990:187). Com o surgimento dos espaços individualizados, os membros da família ficaram livres da “grande repressão” que existia no espaço doméstico, e o espaço passou a alterar as relações sociais. Essa configuração das casas com espaços reservados passou então a ser objetivo de todos, e a idéia de maior privacidade passou a ser *slogan* de melhoria da “qualidade de vida”.

O individualismo passa a prevalecer na família e o encontro, o diálogo passa a ser cada vez mais esparso entre seus membros. Mesmo morando sob o mesmo teto, cada um cumpre seus horários específicos, seus compromissos. (ORTIGOSA, 2001:84)

to access to other types of leisure. However, even after the entry of women to the job market, the accumulation of domestic, maternal and now professional obligations continue to make it impossible for women to find free hours for leisure.

During the 20th Century, as women entered profitable capitalist activity on a large scale, this evolution did not eliminate gender inequality, but on the contrary, accentuated it. Far from leading to a uniform division of duties, the profitable activity of women within the capitalist functional space brought, for the majority of women, a double burden: like men, women now had to earn money, while at the same time they were also in charge of the personal space or the sphere of the home. Thus, with the exception of women belonging to the upper classes and some professionals, the percentage of women in capitalist leisure has remained extremely modest. (KURZ, 2000:42)

The changing role of women represented still other significant changes, since by leaving the home, they were left with less time for domestic activities, as stated earlier, therefore their role as transmitters of the local culture, of certain games to their children, was restricted, since the men do not take on this role.

Thus, children's first relations with space are altered, since their first experiences, which were intermediated by the family in public spaces in heterogeneous communities, become ludic relations which are established, principally, in homogenous spaces and groups, often with ready-made relations and rules, which much be obeyed. This is a considerable cultural factor for the future, since the relations of meaning, of the imaginary, of use and belonging, are altered. When we observe children and adolescents in the shopping malls, searching for their leisure spaces, expressing their predilection for electronic games, which involve other relations that are totally different from those established through games designed, planned and played by a group of friends and neighbors, in short, the childhood relations which were formed in the space experienced, we observe the transformations in their current outcomes.

Before all these changes, children's pace of life was dictated and totally integrated with the adults of the family (RONCAYOLO, 1990:187). With the emergence of individualized spaces, the members of the family were freed from the “great repression” that existed in the domestic space, and the space began to alter the social relations. This idea of homes as places set aside came to be the goal of all, and the idea of greater privacy became a slogan of improvement in “quality of life”.

Individualism came to prevail in the family, and meeting and dialog are increasingly rare among its members. Even living under the same roof, each member has kept specific times and commitments. (ORTIGOSA, 2001:84)

A classe média e média alta possui equipamentos e recursos mais numerosos para o lazer; contudo, os grandes condomínios verticalizados não possuem mais o quintal e sim áreas de lazer que podem ser compartilhadas entre os moradores (2). No entanto, essas áreas não são utilizadas e quando isso acontece são incapazes de gerar verdadeiros contatos.

Para que as mudanças ocorressem nas casas, evidentemente foram necessários altos investimentos financeiros. Quando esses espaços não satisfazem as necessidades desses indivíduos, restam-lhes ainda os espaços construídos para o lazer. Assim, a população que tem condições financeiras se ausenta de casa à procura de lazer.

A partir do momento em que o capitalismo integrou atividades que antes ocorriam em âmbito familiar, passou também a incluir o aproveitamento econômico dos ócios. E a partir do momento em que o desenvolvimento capitalista se assenta na exploração crescente do aspecto intelectual do trabalho, o lazer é indispensável à produção ou reprodução das qualificações necessárias ao exercício das formas mais complexas de atividade (...). Os neoliberais apresentam os ócios como uma liberdade quando, pelo contrário, constituem um dos mecanismos de reforço de exploração. (BERNARDO *apud* PADILHA, 2000: 50)

As casas deixaram, a princípio, de ser o lugar do trabalho, para tornarem-se espaços privados: o trabalho dos pais e a profissionalização dos filhos não podiam mais acontecer em âmbito doméstico. Mesmo hoje, quando algumas funções profissionais podem ser exercidas dentro de casa, os espaços para tal são bem delimitados, e a convivência doméstica, ao contrário do que possa parecer, é mais dificultada do que quando os pais exercem seu trabalho fora de casa (3).

Ao ficar a maior parte do tempo longe de seus filhos, os pais têm a necessidade de convívio, pelo menos nos finais de semana. Os pais da classe média e média alta têm a opção de convívio restrito ao ambiente doméstico, ou então, principalmente nas grandes cidades, nos espaços criados para tal, os parques de diversão, temáticos (*indoor* e *outdoor*) e aquáticos, os *Shopping Centers*, as colônias de férias, onde as crianças ficam a maior parte do tempo acompanhadas dos monitores, mas os pais podem estar presentes, o que é o bastante para o “convívio familiar moderno”. Fica claro que podemos questionar o conceito de convívio nestes lugares, classificados por muitos como não-lugares, justamente por suprimir qualquer possibilidade de identificação e relações sociais. Eles são o lugar de encontro de um grupo de desconhecidos que assim pretende se manter, como nas grandes ruas das metrópoles, onde o contato se restringe ao olhar. Os contatos pessoais que se estabeleciam no espaço referencial se perdem, sendo condição para as relações cada vez mais impessoais.

[...] um espaço completamente diferente daquele gerado pelo “estranhamento” que se cria como consequência do processo de transformação muito rápida por que passam

The middle and upper middle classes have more equipment and resources for leisure, however, today's large condominiums no longer have the traditional yard area, but rather, areas that can be shared among the inhabitants (2). However, these areas are not used and when this occurs, they are incapable of generating true contacts.

In order for changes to take place in homes, high financial investments were evidently required. When these spaces do not meet the needs of these individuals, they still have the spaces built for leisure. Thus, those who can afford it leaves the home in search of leisure.

From the moment capitalism entered the activities that once took place in the family space, it also began to include the economic use of leisure hours. And from the moment capitalist development became based on the growing exploitation of the intellectual aspect of work, leisure becomes indispensable for the production, or reproduction, of the necessary qualifications for the exercise of the most complex forms of activity (...). The neoliberals presented leisure hours as a liberty, when on the contrary, they constitute one of the mechanisms for reinforcing exploitation. (BERNARDO *apud* PADILHA, 2000: 50)

Homes stopped being, first and foremost, the place of work, and became private spaces: the parents' work and the professional training of the children could no longer take place within the domestic environment. Even today, when some professional functions can be carried out within the home, the spaces for this are well demarcated, and domestic co-habitation, contrary to appearances, is made more difficult than when the parents work outside the home (3).

By spending most of their time away from their children, parents have a need to spend time with them, at least on weekends. For middle and upper middle class parents, the option of co-habitation is restricted to the domestic environment, or else, particularly in the large cities, in spaces created for this purpose; amusement parks, theme parks (*indoor* and *outdoor*) and water parks, shopping malls, and holiday camps, where children spend most of their time accompanied by monitors, but the parents can be present, which is enough for “modern family co-habitation”. It is clear that the concept of co-habitation is questionable in these places, classified by many as non-places, due to the fact that they obviate any opportunity for identification and social relations. They are the meeting places of a group of persons unknown to each other, who intend to stay that way, as in the main streets of cities, where contact is restricted to looking. Personal contacts established in the referential space are lost, leading to relationships which are increasingly impersonal.

[...] a completely different space from that generated by the “distancing” created as a result of the rapid process of change in the large cities, due to the new spatial-temporal

as grandes cidades, em função de novas relações espaço-temporais que fazem do espaço construído algo fluído e efêmero, destruindo os referenciais urbanos que dão sustentação à vida e, com isso, dissipando a consciência urbana. Esse fenômeno é produto direto da contradição entre tempo da vida humana (com delimitação biológica/cultural) e o tempo da técnica (cada vez mais veloz). (CARLOS, 1996: 104)

Com os automóveis, amplia-se a possibilidade para que a classe média e a média alta incorporem outros espaços, anteriormente públicos, em seu domínio privado. Cria-se então uma velocidade maior de captação de espaços mais distantes, que na verdade não passam pelo processo de reconhecimento, pois não se estabelece com eles a identidade gerada na produção histórica do espaço, simplesmente se passa por eles.

Nesse contexto, verificamos que isso se torna uma necessidade pois influencia a sociabilidade, visto que aqueles que não saem, não passam pelos lugares, não fazem nada em seu tempo livre, são pessoas consideradas desinteressantes, sem assunto. O passar pelos lugares, mesmo sem conhecê-los, garante o *status* na sociedade de consumo. Podemos assim traçar um paralelo com o que acontece nos espaços criados para o lazer. As atividades preferidas são as que têm mais “emoção”, as mais velozes, as que correspondem à sensação de passar pelos lugares sem conhecê-los e, além disso, a “coragem” de enfrentar novos desafios serve, entre outras coisas, para as pessoas exaltarem nas conversas com os amigos sua passagem por esses espaços de “diversão”.

As pessoas que não conseguiam ver na mercadoria o trabalho, agora também não conseguem se identificar nesses espaços, que por isso são chamados de não-lugares.

Nas casas as crianças e adolescentes têm seu espaço garantido, onde podem também organizar seu tempo de lazer fora da escola, ouvir música, assistir filmes, divertir-se com os jogos eletrônicos ou com o computador. Essas diversões na maioria das vezes não são compartilhadas, a não ser virtualmente. O espaço de contato tem seus significados, e seu uso dentro da casa alterado, criando a necessidade dos familiares das classes média e alta buscarem se encontrar, na maioria das vezes sem sucesso, nos espaços de consumo, restringindo a formação de uma verdadeira comunidade.

A individualidade, enquanto diferenciação para o consumo, passa a ser valorizada e pleiteada no espaço doméstico, que pretende separar os membros da família em seus pequenos espaços de consumo, cada vez mais equipados. Assim como em princípio as pessoas se separavam no espaço da comunidade, agora o fazem no espaço doméstico, que passa a ter a racionalidade do consumo, e é a demonstração concreta da individualização da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa da classe operária da revolução industrial, graças às condições vigentes na época, praticamente obrigava o convívio da família, e fazia da rua sua extensão. A família se reunia em determinados momentos do cotidiano doméstico, quando compartilhava suas experiências. E as crianças,

relations which turn the built space into something fluid and ephemeral, destroying the urban references that give life its substance, and with this, dissipating the urban conscience. This phenomenon is a direct product of the contradiction between human lifetime (with its biological and cultural limits) and technical time (which is becoming increasingly more rapid). (CARLOS, 1996: 104)

With the automobile, the possibility is extended for the middle and upper middle classes to include other spaces, formerly public, in their private domain. Greater speed is therefore created, winning spaces further afield, which in fact do not undergo the process of recognition, since the identity generated in the historical production of spaces is not established by them, but is simply fleetingly passed through by them.

In this context, we see that travel becomes essential, since it influences sociability, given that those who do not leave, who do not pass through these places, who do nothing in their free time, are people who are considered boring, without topics of conversation. Passing by places, even without getting to know them, guarantees *status* in the consumer society. We can therefore outline a parallel with what occurs in the spaces created for leisure. The preferred activities are those which have more “emotion”, which are faster, which correspond to the sensation of passing by places without getting to know them. Also, the “courage” to face new challenges enables people, among other things, to boast in conversations with their friends, about their journeys to these places of “leisure”.

People who were unable to see work in the goods, are now unable to identify themselves in these spaces, which is why they are called non-places.

In the home, children and adolescents have their guaranteed space, where they can also organize their leisure time outside school, listen to music, watch movies, or play electronic or computer games. These forms of entertainment are generally not shared, except virtually. The space of contact has its meanings, and its use within the house is altered, creating a need for middle and upper class families to seek to meet one another in the consumer spaces, usually without success, which prevents the formation of a true community.

Individuality, as a consumer differentiation, comes to be valued and disputed in the domestic space, which aims to separate the members of the family in their small consumer spaces, which are becoming increasingly better equipped. Thus, just as in the past people separated from one another in the space of the community, they now do so in the domestic space, which takes on a consumer rationale, and which is the concrete manifestation of the individualization of society.

FINAL CONSIDERATIONS

The working class home of the industrial revolution, thanks to the conditions of the time, practically forced the family together, and made the street its extension. The family gathered at specific times during the day, when they shared their experiences. And the

quando não estavam trabalhando, desfrutavam da rua ou do quintal, para nesses espaços elaborar suas brincadeiras, arquitetadas em todas as suas dimensões pelo grupo.

As classes mais ricas já usufruíam de mais conforto, o contato entre as pessoas acontecia entre grupos mais homogêneos no espaço doméstico, contudo, nos espaços públicos, as ruas e praças propiciavam o encontro entre os diversos grupos.

Desde a Revolução Industrial muita coisa se modificou na família, nas casas, no lazer e nas cidades. Essas mudanças atingiram de forma mais intensa as classes média e alta, que muitas vezes constroem suas casas em condomínios fechados, tentando barrar qualquer contato com o diferente. O controle das ruas nesses lugares deixa de ser feito pela comunidade e se torna responsabilidade de empresas terceirizadas

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, os momentos de lazer no cotidiano doméstico são reestruturados. A mulher que tinha entre outros papéis o de reprodutora de tradições infantis, de brincadeiras realizadas sobre o seu controle, passa esse papel para outros responsáveis, muitas vezes eletrônicos. E os espaços domésticos, que impulsionavam o convívio, adquirem novas funções, são dimensionados e equipados de forma a proporcionar a cada membro da família, mais privacidade, mais individualidade.

As ruas e as praças deixam de ser espaços seguros para esse público, aliás a indústria da segurança, que contribui para ampliação do lucro de muitos setores, evidentemente aliada ou criada por uma série de problemas sociais, reforça a concepção de espaço público como lugar da marginalidade.

Para os mais pobres, nos bairros periféricos, notamos que, de uma forma ou outra, as coisas também se transformaram. Quanto ao espaço doméstico, com exceção da introdução de alguns equipamentos, ainda percebemos espaços que direcionam o convívio às ruas, as quais, apesar da maior presença da comunidade, se tornaram não tão confiáveis.

Assim, quando as pessoas não estão inseridas dentro de seu universo cotidiano doméstico, tendo seus encontros muitas vezes restritos ao contato eletrônico, se reúnem em espaços produzidos, normatizados, conhecidos como não-lugares, lugares onde o estabelecimento da identidade, do pertencimento é impossível, pois são superficiais, conduzem, na maior parte das vezes, ao consumo. Esses lugares são cenários que visam reincorporar a vida nas cidades, a vida enquanto sinônimo de encontro entre as pessoas, entre os diversos grupos sociais, mas que, na verdade, são lugares em que as pessoas vão para verem e serem vistas, para serem aceitas por determinados grupos, aos quais tentam se vincular.

Quando os indivíduos saem das suas casas, seu nicho de segurança, com os seus encontros familiares esporádicos ou acontecendo em momentos previamente planejados, pretendem que seu contato com o inusitado, com as ruas, seja o mais breve possível, preferencialmente através da janela de um automóvel. Seu destino final são lugares, que como já enfatizamos, são ilhas de segurança, de limpeza e conforto dentro do espaço urbano, lugares onde as relações são monitoradas por convenções ditadas pelo consumo. São nesses espaços que os grupos homogêneos e até as famílias pretendem adquirir, reencontrar em seus momentos de entretenimento, suas relações de proximidade, seus vínculos.

children, when they were not working, played in the street or in the back yard, where they devised games that were wholly conceived by the group.

The better off classes enjoyed greater comfort, contact between people occurred between more homogenous groups in the domestic space, while the public spaces, the streets and squares, propitiated the meeting of various groups.

Since the Industrial Revolution, much has altered in the family, in homes, in leisure and in the cities. These changes affected the middle and upper classes more profoundly, who often build their houses in closed condominiums, attempting to block any contact with the different. Maintenance of the streets in these places is no longer carried out by the community but becomes the responsibility of contracted companies.

With the entry of women into the job market, moments of leisure in the domestic routine are restructured. Women, whose many roles included that of reproducer of childhood traditions, games played under their control, have passed on this role to other carers, often electronic. And the domestic spaces which promoted co-habitation have taken on new functions, becoming dimensioned and equipped so that they provide each member of the family with more privacy, more individuality.

Streets and the public squares are no longer safe places for this public. In fact, the security industry, which contributes to the profit of many sectors, evidently allied or created by a series of social problems, reinforces the concept of public space as a place for the marginal elements of society.

For the poorest, in the suburbs farthest from the center, we note that in one way or another, things are also changing. As for the domestic space, with the exception of the introduction of some equipment, we still observe spaces designed for co-habitation in the streets, which despite the increased presence of the community, have become less safe.

Thus, when people are not in their day-to-day domestic environment, where their meetings are often restricted to electronic contact, they gather in spaces which are produced and standardized, known as non-places, in which it is impossible to establish identity and belonging, since they are superficial and focused, in the majority of cases, on consumption. These places are scenarios aimed at reconstructing the life of the cities, life as a synonym for meetings between people and various social groups, but which in truth, are places where people go to see and be seen, to be accepted into specific groups, to which they attempt to link themselves.

When individuals leave their homes, their safe little niche, with its sporadic family gatherings, or gatherings in pre-planned moments, they intend to keep their contact with the unusual, with the streets, to be as brief as possible, preferably through the window of the car. Their final destinations are places, as we have already emphasized, islands of safety, cleanliness and comfort within the urban spaces, places where relationships are monitored by the conventions dictated by consumption. It is in these spaces that homogenous groups and even families hope to acquire, to reencounter in their moments of entertainment, their relations of proximity, their ties.

NOTAS

(1) Não lugar pode ser considerado, segundo AUGÉ, M., como um espaço que não pode ser definido nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico. Os não lugares, contudo, são a medida da época; medida quantificável e que poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfície, volume e distância, as vias aéreas, ferroviárias, rodoviárias e os domicílios móveis considerados “meios de transporte” (aviões, trens e ônibus), os aeroportos, as estações aéreo espaciais, as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer, e as grandes superfícies da distribuição, a meada complexa, enfim, redes a cabo ou sem fio, que mobilizam o espaço extraterrestre para uma comunicação tão estranha que muitas vezes põe o indivíduo em contato com outra imagem de si mesmo. AUGÉ, Marc. **Não Lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade**, p.73-74.

(2) Criando a noção de pseudocoletividade como diz DEBORD, Guy **A sociedade do espetáculo**, p.114.

(3) Uma pesquisa feita pelo Families and Work Institute de Nova York, com mais de 1000 crianças e adolescentes, mostra que apenas 10% gostariam de ficar mais tempo com a mãe e 15% com o pai, só 20% acham que os pais trabalham demais e 50% dizem que pai e mãe têm de trabalhar muito mesmo, para bancar as despesas da família. VEIGA, A. Tempos Modernos, p. 128-129.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não Lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade**, p.73-74 Campinas, SP: Papirus, 1994.

CARLOS, A. Fani Alessandri . **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DEBORD, Guy **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

KURZ, R. A ditadura do tempo abstrato. In: SESC **Lazer numa sociedade globalizada. Leisure in a globalized society**, São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

ORTIGOSA, S. A. G. Mudanças e Persistências dos Hábitos Alimentares no Brasil e seus Impactos no Espaço Urbano. In: **8º Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2001 Santiago. Anais 8º EGAL: Universidade do Chile, 2001. p.76-85.

PADILHA, V. **Tempo Livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas- SP: Alínea, 2000.

PADOVANI, E. G. R. **Parque temático: Modernização e Consumo do Espaço**. 2002. 236 p. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo.

PROST, Antoine e VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada - Da Primeira Guerra a nossos dias**. Trad.

FOOTNOTES

(1) A non-place can be considered, according to AUGÉ, M. as a space which cannot be defined either as having identity, or as relational or historical. Non-places, however, are the measure of the age; quantifiable measures which could be taken through some conversions between surface, volume and distance, airlines, railways, and mobile homes considered “means of transport” (planes, trains and buses), the airports, the space stations, the large hotel chains, leisure parks, large surfaces of distribution, the complex mesh, in short, cable or wireless networks, which mobilizes the extraterrestrial space for a communication that is so strange that it often places the individual in contact with another image of himself. AUGÉ, Marc. **Não Lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade**, p.73-74.

(2) Creating the notion of pseudocolectivity, as stated by DEBORD, Guy **A sociedade do espetáculo**, p.114.

(3) A study carried out by the Families and Work Institute in New York, among more than 1000 children and adolescents, showed that only 10% would like to spend more time with their mother and 15% with their father, only 20% thought their parents worked too much and 50% said that father and mother need to work a lot to save enough for the family's expenses. VEIGA, A. Tempos Modernos, p. 128-129.

REFERENCES

AUGÉ, Marc. **Não Lugares - Introdução a uma antropologia da supermodernidade**, p.73-74 Campinas, SP: Papirus, 1994.

CARLOS, A. Fani Alessandri . **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DEBORD, Guy **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

KURZ, R. A ditadura do tempo abstrato. In: SESC **Lazer numa sociedade globalizada. Leisure in a globalized society**, São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

ORTIGOSA, S. A. G. Mudanças e Persistências dos Hábitos Alimentares no Brasil e seus Impactos no Espaço Urbano. In: **8º Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2001 Santiago. Anais 8º EGAL: Universidade do Chile, 2001. p.76-85.

PADILHA, V. **Tempo Livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas- SP: Alínea, 2000.

PADOVANI, E. G. R. **Parque temático: Modernização e Consumo do Espaço**. 2002. 236 p. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo.

PROST, Antoine e VINCENT, Gérard. **História da Vida Privada - Da Primeira Guerra a nossos dias**. Trad.

Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, vol 5, 1992.

REQUIXA, R. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Ed Brasiliense, 1997.

RONCAYOLO, M. **La ville et ses territoires**. Paris: Folio Essais, 1990.

RYBCZYNSKI, W. **Esperando o Final de Semana**. São Paulo: Record, 2000.

_____. **Casa: Pequena história de uma idéia**. São Paulo: Record, 1999.

SLOTERDIJK, P. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

VEIGA, A. Tempos Modernos. **Veja**. São Paulo, p. 122-130, 5/04/00.

Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, vol 5, 1992.

REQUIXA, R. **O Lazer no Brasil**. São Paulo: Ed Brasiliense, 1997.

RONCAYOLO, M. **La ville et ses territoires**. Paris: Folio Essais, 1990.

RYBCZYNSKI, W. **Esperando o Final de Semana**. São Paulo: Record, 2000.

_____. **Casa: Pequena história de uma idéia**. São Paulo: Record, 1999.

SLOTERDIJK, P. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

VEIGA, A. Tempos Modernos. **Veja**. São Paulo, p. 122-130, 5/04/00.

Recebido em: julho 2004.
Aprovado em: julho 2004.

Received in: July 2004.
Approved in: July 2004.

